



## O TRABALHO NO CONTEXTO DA PANDEMIA DA COVID-19: ISOLAMENTO SOCIAL PARA QUEM?

José Rafael Barros de Moraes<sup>1</sup>  
Eliomar Araújo de Sousa<sup>2</sup>  
Geysse Gadelha Rocha<sup>3</sup>  
Manoela Galeno Soares<sup>4</sup>  
Daniele Kelly Lima de Oliveira<sup>5</sup>

### RESUMO

Este artigo objetiva discutir o trabalho no contexto da pandemia do novo Corona vírus no Brasil, trazendo para o centro da discussão a nova morfologia do trabalho, investigando de que maneira atualmente a classe trabalhadora sente os efeitos da pandemia de forma mais pungente, seja economicamente ou em questões de saúde. Tendo em vista a expansão do grupo de trabalhadores de serviços informatizados, corroendo e desmontando a propriedade privada do trabalhador, a vida. Para as análises utilizamos autores como Marx (2015) e Antunes (2018 e 2020), que fazem a discussão acerca do trabalho enquanto categoria ontológica, e o mundo do trabalho, no qual o sistema capitalista explora através da colossal força destrutiva de produção e reprodução em escala incontrolável. A classe trabalhadora nesse contexto passa por um processo de adoecimento, e tem sua vida posta em perigo diariamente frente a lógica capitalista que devasta e desestabiliza o trabalho.

**Palavras-chave:** Mundo do trabalho, Coronavírus, trabalhadores e trabalhadoras, Capitalismo.

### INTRODUÇÃO

---

<sup>1</sup> Mestrando do Curso Interdisciplina em Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB, Pesquisador do Grupo de Pesquisas e Estudos Educação, Movimentos Sociais, Políticas Públicas e Diversidade (GPEEMPODERAR/UVA) e do Grupo Interdisciplinar Marxista (GIM/UNILAB) [rafabarros.lettras@gmail.com](mailto:rafabarros.lettras@gmail.com)

<sup>2</sup> Mestrando em Educação pela Universidade Estadual do Ceará (PPGE/UECE). Pós- Graduando em Psicopedagogia Institucional e Clínica pela Faculdade de Quixeramobim. Graduado em Pedagogia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), membro dos grupos de estudos Gramsci e a formação do educador, e do Grupo de Estudos Lutas Universitárias, Trabalho e Educação (GELUTE). E-mail: [elio2015@hotmail.com](mailto:elio2015@hotmail.com)

<sup>3</sup> Pós- Graduanda em Psicopedagogia Institucional e Clínica pela Faculdade de Quixeramobim. Graduado em Pedagogia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), membro dos grupos de estudos Gramsci e a formação do educador, e do Grupo de Estudos Lutas Universitárias, Trabalho e Educação (GELUTE). E-mail: [geyssegadelhar@gmail.com](mailto:geyssegadelhar@gmail.com)

<sup>4</sup> Pós-Graduanda em Gestão, Supervisão e Coordenação Escolar pelo Instituto Lato Sensu. Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA). Membro do grupo de estudo Gramsci e a formação do educador/UVA. Pesquisadora do Grupo de Pesquisas e Estudos Educação, Movimentos Sociais, Políticas Públicas e Diversidade (GPEEMPODERAR). E-mail: [manoela.galeno@gmail.com](mailto:manoela.galeno@gmail.com)

<sup>5</sup> Professora adjunta da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA). Doutora em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da Universidade Federal do Ceará (PPGEB/UFC). Coordenadora do Grupo de Pesquisas e Estudos Educação, Movimentos Sociais, Políticas Públicas e Diversidade (GPEEMPODERAR/UVA). E-mail: [dankel28@yahoo.com](mailto:dankel28@yahoo.com) [brdaniel28@yahoo.com.br](mailto:brdaniel28@yahoo.com.br)



Esta pesquisa objetiva discutir a categoria trabalho no contexto da pandemia do novo Corana vírus no Brasil, discutindo fatos que adoecem e submetem trabalhadores e as trabalhadoras mais precarizadas/as a ficarem suscetíveis ao vírus. Uma das categorias principais é o desemprego estrutural que joga trabalhadores nas piores condições de trabalho. Percebemos que a pandemia não inaugura a precária situação da classe trabalhadora, inerentes ao modo de produção capitalista, ela deixa evidentes as desigualdades que existem no país. Percebe-se com alguns meses de pandemia que a proposta do capitalismo é coagir a massa trabalhadora a ir à labuta para assim chegar mais próximo dos fins de suas vidas, pois o mercado não pode parar.

Esse artigo surge a partir das pesquisas e debates realizadas no Grupo Interdisciplinar Marxista (GIM/UNILAB), e no Grupo de Pesquisas e Estudos, Educação, Movimentos Sociais, Políticas Públicas e Diversidade (GPEEMPODERAR/UVA). Nos encontros abordamos temáticas voltadas para o mundo do trabalho na perspectiva do materialismo histórico dialético.

A pandemia da covid-19 no Brasil, país no qual a classe trabalhadora sobrevive de um salário mínimo, às vezes não chega a um salário por mês, e as famílias desses trabalhadores dependem da renda mensal do responsável pela família para os custos das suas vidas materiais. A covid-19 escancara a desigualdade social que existe entre as duas classes vigentes, pobres e ricos. Além do alto índice de letalidade do vírus, ampliam-se enormemente o empobrecimento e miserabilidade da classe trabalhadora, contribuindo para o desemprego estrutural e a informalidade, que já era alarmante antes da pandemia.

É interessante compreendermos que “A covid-19 exhibe todas as características de uma pandemia de classe, gênero e raça” (HARVEY, 2020), ou seja, ela não chega da mesma forma e nem traz os mesmos efeitos para todos, como escutamos em o recorrente discurso, que incluem no mesmo “barco”, trabalhadores e donos dos meios de produção, entretanto não fica evidente que na verdade podemos estar enfrentando a mesma tempestade, mas em embarcações bem diferentes.

Os trabalhadores e trabalhadoras precisam viver, para isso os sujeitos produzem os meios materiais de vida, e para tê-los devem produzir, trabalhar. É por



meio do trabalho sendo uma atividade útil do ser humano dirigida pela produção de riqueza material. No processo do trabalho acontece a atuação sobre a natureza a fim de adapta-la as suas necessidades, sendo uma atividade exclusivamente do ser social diante da condição fundamental da vida humana. Diante da discussão sobre trabalho como categoria ontológica, discutimos um momento que o trabalho na perspectiva ontológica é negada, e abre um caminho mais intenso de explorado fora da realidade e da necessidade humana.

A pandemia trouxe à tona como a classe trabalhadora nas mais insalubres situações que podem levar até a morte não somente pela covid-19. Temos como exemplo as ditas atividades essenciais que levam a maioria desses trabalhadores e trabalhadoras, por exemplo os profissionais da limpeza, saúde e transporte, a linha de frente no enfrentamento da doença, colocam em risco a vida daqueles que enfrentam diretamente e dos seus parentes com quem convivem diariamente.

Um dos casos mais emblemáticos deste momento foi a morte do menino Miguel Otávio Santana, de cinco anos de idade, filho de Mirtes, empregada doméstica de família pobre e negra da periferia de Recife. A criança caiu do nono andar de um prédio, cuja patroa era uma mulher branca e rica, responsável por cuidar do Miguel enquanto a mãe passeava com o cachorro. No auge ou o pico do Coronavírus no Brasil o trabalho doméstico não era considerado essencial no período de pandemia. Na reportagem do G1, do dia 5 de junho de 2020, três dias após ocorrido, descreve que Sari Corte Real, a patroa, foi presa por homicídio culposo e solta após fiança de 20 mil reais.

O trabalho das pessoas negras, a exemplo da Mirtes, no sistema capitalista é segragador, a sobrevivência é condicionada a venda da força de trabalho por salários. Angela Davis (2016) aponta que está registrado na história da humanidade, pois desde escravidão e a pós-escravidão, homens e mulheres negras eram igualmente vítimas de detenções e prisões sob os mesmos pretextos, para que fossem cedidas pela autoridade como mão de obra barata. A força de trabalho da pessoa negro ainda é apropriada pelo capitalista, levando a uma maior situação empobrecimento.

A pandemia remonta a situação de muitos trabalhadores que são levados para uma situação de vulnerabilidade que pode comprometer sua vida social e física,



provocando seu adoecimento. Imaginando o tamanho da tragédia na periferia e nos interiores do Brasil com a devastação social pelo coronavírus, temos os trabalhadores e trabalhadoras sem condições mínimas de sobrevivência, vivenciando fome, desemprego, adoecimento, e enterrados aos milhares nos cemitérios. Antunes (2020) chama de o capital pandêmico aquilo que está totalmente ligado à trágica situação do sistema de metabolismos antissociais do capital, crise estrutural e a explosão do coronavírus. Percebe-se um caráter altamente discriminatório e dominante em relação as classes sociais, pois sua dinâmica é muito mais brutal e intensa para humanidade.

A classe dominante que mencionamos são pessoas como a patroa da mãe de Miguel, uma mulher branca, que faz parte de uma classe dominante, que tem seus fortes instrumentos de defesa contra o vírus, como totais condições de viver em quarentena, permitindo-lhe escolher o quer fazer e possuir. Trata-se de privilégios que flexibilizam o acesso a instrumentos hospitalares, diferentemente da classe que precisa trabalho para sobreviver, e não pode ficar em casa. Tudo isso estampa uma profunda contradição que atinge a totalidade da classe trabalhadora, que mais uma vez não é privilegiada para evitar o contágio pelo coronavírus. Com isso a classe trabalhadora foi e está sendo cada vez mais contaminada por terem retornado as atividades mesmo com grande contingente de contaminação.

Pensando nessas questões de precarização do trabalho e situações vivenciadas por trabalhadores(as) no contexto da pandemia da covid-19, trazendo outro grupo de trabalhadores que não puderam ficar em casa e como o avanço tecnológico, cria-se novas categorias de trabalhadores, e atualmente eles não são assegurados por direitos trabalhistas e muito menos são assegurados sobre suas próprias vidas, são os trabalhadores de aplicativos e plataformas digitais que vivenciam a forma moderna de exploração, a chama uberização.

Temos trabalho aqui da forma que estrutura o capital, e que desestrutura a humanidade, o trabalho abstrato que é simplesmente quantitativo, a substância e a grandeza do valor, e produz mais-valia para o capital. No capitalismo, o trabalho assume um papel de mero gasto de força humana de trabalho, como trabalho abstrato, que tem como função específica a valorização do valor. Trabalho abstrato não é, para Marx (2015) nem simples generalização (generalização não posta), trabalho em geral (generalidade fisiológica, universalidade natural, como gasto de cérebro, músculos e



nervos humanos), nem um *constructum* subjetivo do espírito, uma abstração imaginária, um conceito abstrato, ou um processo mental de abstração, exterior ao mundo, mas uma abstração que se opera no real, uma abstração objetiva do trabalho no capitalismo, a homogeneidade, a redução, a simplicidade, a equivalência, o comum do trabalho social concretizado no produto, na mercadoria, que é trocada por outra, a fim de se obter mais valia.

É essa categoria de trabalho, enquanto geração de mais-valia que outro grupo de trabalhadores e trabalhadoras vivenciam em larga escala a exploração no Brasil. Trata-se de uma condição que não para de se expandir que, experimentam as condições da chamada uberização do trabalho, por não existir outra possibilidade de trabalho se submetem a produtividade abstrato. Nesse caso só recebe por produtividade no caso da maioria dos entregadores\as é uma tentativa de fugir do desemprego, e não são assalariado. Uma vez que o trabalho uberizado se encontra completamente excluído dos direitos sociais que valem para o conjunto da classe trabalhadora, é uma grande oportunidade rentável e lucrativa para os capitalistas já que existe a margem para implementação, permanência e o aumento desses trabalhadores e trabalhadoras prestadores de serviços não assaliados.

O modo de vida a partir do novo mundo do trabalho, no qual se inclui uma pandemia, presencia o advento da expansão monumental do novo proletário da era digital. Essa condição influenciou para o avanço do trabalho intermitente, e as TICs que são as responsáveis por conectar as mais distintas modalidades de trabalho crescem exponencialmente, alimentando o mercado de serviços digitais. Recordando Antunes (2018) é a escravidão digital em pleno século XXI.

## **METODOLOGIA**

Temos como base uma pesquisa teórico-bibliográfica sob a ótica do materialismo histórico dialético para analisar o objeto escolhido da pesquisa em sua forma material da existência humana, como em suas formas de sobrevivência. No caráter material o sujeito social se organiza na sociedade para a produção e a reprodução da vida, e o caráter histórico como vêm se organizando através de sua história.

O papel do sujeito é essencialmente ativo, precisando perceber não a aparência ou a forma dada ao objeto, mas a sua essência, a sua estrutura e sua dinâmica, e mais para apreendê-lo no processo, o sujeito deve ser capaz de mobilizar o máximo de



conhecimento, criticá-los, revisá-los e deve ser dotado de criatividade e imaginação. O sujeito deve se apropriar da matéria pesquisada para analisar suas diferentes formas de desenvolvimento e conexões que existe entre as problemáticas discutidas através do objeto escolhido.

O conhecimento teórico para Marx é o conhecimento do objeto – de sua estrutura e dinâmica – tal como ele é em si mesmo, na existência real e efetiva, independentemente dos desejos, das aspirações e das representações do pesquisador

Os trabalhadores, sujeitos da nossa pesquisa, noticiados como sendo linha de frente de serviços que não são essenciais na pandemia, citamos dois exemplos na introdução. Mas também estamos de acordo com Antunes (2018 e 2020) que discute o privilégio da servidão em tempo de uberização do trabalho, Marx (2015) na esfera do trabalho como categoria ontológica, e Franco (2010), que apoiado no materialismo histórico dialético, debate o adoecimento da classe trabalhadora em contexto pandêmico.

## **REFERENCIAL TEÓRICO**

Passaremos a discutir aqui o trabalho como categoria que funda o ser social, aquele que produz sua própria existência através da transformação da natureza e que se transforma com essas mudanças. É trabalho no sentido de acumulação de bens e produção de riqueza, que gera exploração, precarização, desigualdade, adoecimento e ainda é uma força destrutiva de famílias que perderam familiares para o coronavírus por não terem a oportunidade de realizar suas quarentenas de forma digna.

Harvey (2020) considera que a parada da produção em larga escala das grandes empresas na pandemia retrata:

As interrupções no trabalho nas cadeias de produção das empresas e em certos setores se mostraram mais sistêmicas e substanciais do que se pensava inicialmente. O efeito a longo prazo pode ser o de encurtar ou diversificar as cadeias de suprimentos, enquanto se move para formas de produção menos intensivas de mão-de-obra (com enormes implicações para o emprego) e maior dependência de sistemas de produção inteligentes. A ruptura das cadeias produtivas implica demitir ou dispensar trabalhadores, o que diminui a demanda final, enquanto a demanda por matérias-primas diminui o consumo produtivo. Esses impactos no lado da demanda já teriam produzido por si só uma leve recessão. (p. 3)

A diminuição da atividade econômica, com essa queda de produção na crise estrutural do capital negando o trabalho enquanto fonte de subsistência do empregado aponta o desemprego como um dos pilares da crise. Com a parada das empresas e



empreendimentos, e sem lucros as empresas demitiram os funcionários já que não existia previsão de retorno imediato. Deu-se o pontapé inicial para agudização da crise na pandemia que vai mostrar a realidade do proletariado atual no Brasil.

## **CAPITAL PANDÊMICO: O NOVO PROLETARIADO DE SERVIÇOS**

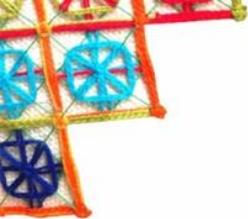
A população que precisa do próprio trabalho para sobreviver é o maior vítima do capital pandêmico. A divisão de classe ficou escancarada de forma a discriminar e excluir os trabalhadores e as trabalhadoras, deixando-os a frente do combate ao vírus, não unicamente aqueles que estavam nos hospitais, mas aqueles entregadores e entregadoras que levavam e levam as melhores comidas, e outros itens para a casa de muito brasileiros\as.

Em tempos de crise estrutural do capital o trabalho é negado e se inclina diante do capital. Um sistema que não consegue e não tem a capacidade de controlar a si mesmo, produz cada vez mais sem limites, e de forma mais ampliada e desumanizada desconsiderando todas as essências e contextos nos quais os trabalhadores estão inseridos para sua crescente acumulação na produção de mercadoria de capital, demanda que não atende as reais necessidades dos humanos.

A produção incontrolável cria limites absolutos no sistema capitalistas, submetendo o trabalhador a níveis de exploração absurdo e sem controle, colocando em risco a existências humana. No caso dos entregadores na pandemia precisam produzir o máximo possível para que o acúmulo de capital e a produção de mais-valia não pare, e assim estagne o sistema de trocas de mercadorias. A condição perversa empreendida pelo capitalismo que colocou em risco a vida de muitos e até acometeu a vida de trabalhadores de outros setores.

As\os trabalhadora/os de serviço estão submetidas(os) gradativamente e diariamente aos capitais informatizados e financerizados, assim são aproveitados cada vez mais pelo mercado de flexibilização. O setor de serviço cresce que é basicamente o trabalho sem regulamentação, de modo que o trabalhador(a) fica à disposição de um aplicativo ou plataforma digital (o exemplo da uberização). Se alguém precisar dos serviços o trabalhador estará à disposição embora tenha um tempo de espera ou excedente de trabalho sem remuneração.

Assim, de um lado deve existir a disponibilidade perpetua para o labor, facilitada pela expansão do trabalho on-line e dos aplicativos, que tornam invisíveis as grandes corporações globais e dos “aplicativos” que comanda o



mundo financeirizados e dos negócios. De outro, expande-se a praga da precariedade total, que surrupeia ainda mais os direitos virgente. (ANTUNES, 2018, p. 33)

Na pandemia da covid-19 os servidores de aplicativos cresceram por o agravante desemprego estrutural, que é uma marca da crise estrutural do capital no Brasil. O capitalismo com sua capacidade incontrolável de produzir, cria teorias que vem justificar e sustenta sua natureza devastadora, fazendo o trabalhador acreditar em uma falsa independência se fizer serviços sazonais. É uma lógica do sistema que faz o trabalhador precisar se submeter a letalidades do coronavírus para garantir que sua família não passe fome.

O trabalho com os aplicativos e a disposição que os trabalhadores precisam ter para servir ao trabalho *on-line* acarreta no desequilíbrio do tempo de vida no trabalho e fora dele é uma dominação total que combina o mundo digital com sujeição completa ao ideário das corporações.

## **ISOLAMENTO SOCIAL PRA QUEM?**

No Brasil foi necessário um isolamento social, denominado chamamos de quarenta, que a sociedade como um todo precisou ficar em suas casas e sair unicamente para atividades indispensáveis. Os trabalhadores de serviços não essenciais precisaram ficar em casa, de grandes corporações, pequenos negócios e as instituições de ensino foram fechadas na tentativa de barrar a aceleração do maior contágio pelo vírus. Entretanto, revelou-se uma guerra social que colocou muitos trabalhadores nas ruas para suprir necessidades de outras que puderam usufruir de sua quarentena.

O trabalho para as plataformas digitais cresceu exponencialmente pelo motivo de que as empresas e empreendimentos começaram a demitir seus empregados, muitos abriram falências, principalmente os pequenos empreendimentos. A crise do coronavírus trouxe à tona a falácia do empreendedorismo pregada pelo capitalismo que ao transformar os trabalhadores em proletariado-de-si, não tem capital para sobreviver uma crise que desmonta ainda mais o mundo do trabalho e a possibilidade de emancipação.

Os trabalhadores de aplicativo, e não somente, não puderam ficar em casa pela grande demanda que a sociedade criou em diversos meios, pois a categoria delivery foi reinventada para todos os seguimentos de vendas e compras, aqueles comércios de



maior ou menor precisaram de um entregador para não parar seus serviços até mesmo como forma de sobrevivência.

Nem todos e todas têm/tiveram a oportunidade de usufrir de uma quarentena. A luta dos trabalhadores é pela sobrevivência, em dois sentidos: sobreviver ao coronavírus em uma tentativa de não ser infectado e realizar o isolamento social. A exposição coloca a família no zona de contágio do vírus, afinal na uberização o trabalhador lida com diferentes espaços e depois retorna para casa, e por outro lado é uma necessidade duvidosa que escanrara a luta pela sobrevivência material por esse lado precisou ir as ruas para conseguir suprir as necessidade mínimas dos seus.

O exemplo da trabalhadora que não pode ficar em casa, a Mirtes mãe do menino Miguel, morto por imprudência da patroa Sari Corte Real, uma tragédia imensurável na vida dessa mãe, que citamos no início desse texto. O evento diz respeito a uma emprega dosmética que precisou sair de sua casa para realizar atividades de uma senhora burguesa. Temos também Cleonice Ribeiro da cidade do Rio de Janeiro, que se contominou ao cuidar de sua patroa, que escondeu estar contaminada pela covid-19. Ambas atitudes são altamente desumanas e levaram a mortes de duas pessoas, Miguel e uma trabalhadora. Não podemos esquecer que a lógica do capitalismo é destrutiva da força de trabalho, pois depende da força de trabalho para se manter vivo, porém para isso precisa matar muitas trabalhadoras negras e muitos “Miguels” para a sua sobrevivência.

A “gripezinha” é umas das muitas palavras desagradáveis que ironiza as condições de sobrevivência em tempo de pandemia além de proliferar o conhecimento rarefeito do atual presidente do Brasil. Afirmções dessa gradeza foram mais um agravante para ter mais contaminados no país. Esta mesma gripezinha segundo o boletim do Conselho Nacional da Secretária da Saúde (CONASS), até o dia 27 de agosto de 2020, registrou 119.571 óbitos e 3.812.605 infectados pelo novo coronavírus desde o início da pandemia.

É um catastrófica desumanização esse momento, as relações sociais altamente dilaceradas, a saúde mental da população desequilibrada, muitas famílias de luto pelos seus familiares que não resistiram aos efeitos do covid-19. É uma crise perversa e contraditória que adoeceu os corpos e as mentes. A pademia nos coloca numa condição de repensar nossas vidas materiais no sentido de sobrevivência e não unicamente sanitária.



Se essa lógica não for radicalmente confrontada e abastada, os novos proletariados de serviços se encontraram em uma realidade triste e ou trágica: oscilarão entre o desemprego completo, e na melhor das hipóteses, a disponibilidade para tentar obter o privilégio da servidão. (ANTUNES, 2018, p. 33)

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

O que foi visto nesse momento de coronavírus, que não acabou, a pandemia ainda é uma realidade próxima. O privilégio de ter um emprego que garanta a sobrevivência é uma prática que os trabalhadores são forçados a agradecerem por estarem ali. Questionar esse momento apontando as dificuldades que os trabalhadores encontram é uma questão de luta e resistência, pois nem todas as trabalhadoras tiveram a oportunidade de entender as contradições do privilégio de servir. Isso exemplifica a estampa visceral do capitalismo, na sua luta incansável para produzir e acumular riqueza, e aqui entendemos riqueza como tudo aquilo que é produzido pelo gênero humano.

A sociedade capitalista, que é uma relação mediada pela troca e venda da força de trabalho. A classe trabalhadora é principal responsável por produzir toda a riqueza que aumenta o capital, que é totalmente apropriada pelo capitalista. Por tais aspectos, que os trabalhadores não podem ficar em suas casas em uma pandemia, e por isso os grandes empresários defendiam que o Brasil não poderia parar mesmo com uma crise sanitária de alta letalidade se aproximando.

Os trabalhadores são a base da sobrevivência do sistema capitalista, com seu trabalho explorado e precarizado por meio de salário, ou no caso dos proletariados de serviços, que não tem um salário e muito menos apoio de um lei trabalhista que o assegure. O fantasma da flexibilização continua a assombrar e adoecê-los.

O adoecimento da classe trabalhadora é constante, como já citamos exemplos, o adoecimento psicológico é uma das maiores doenças que a classe trabalhadora vivência. Quando falamos de entregadores de aplicativos ou outros serviços que ganham pelo que produzem, existem dias que a produtividade não é boa, e surge o questionamento: como vou comprar comida e outras coisas que suprem minha necessidade? E o próximo dia como será?, esses questionamentos aumentam as crises de ansiedade pelo trabalhador se culpar de não ter sido produtivo para ter o suficiente para manter sua vida material.



Diante da precarização e pobreza econômica que se agudizou na pandemia da covid-19, destacam o fato de que, para o trabalhador viver, é preciso antes de tudo comer, beber, ter habitação, vestir-se e algumas coisas mais, muito disso faltou na pandemia para a classe pobre da história, como diria Marx (1982). Dentre estas, algumas coisas mais necessárias ao corpo como condições para viver, evidenciamos a luta social por saúde e contra as doenças como a Covid-19 como “uma condição fundamental de toda a história, que ainda hoje, como há milhares de anos, deve ser cumprida todos os dias e todas as horas, simplesmente para manter os homens vivos” (MARX e ENGELS, 1982, p. 39). Isto porque é inadiável a organização social em torno de luta por melhores condições de atendimento às experiências de adoecimento (FRANCO, p. 51, 2010).

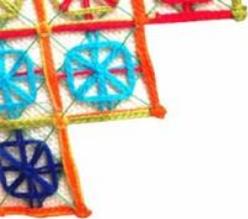
## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A questão mais importante nessa era tenebrosa que destrói a vida e as identidades dos trabalhadores é a luta pela preservação da vida. E para isso é necessário um apoio vital a ciência para estancar a crise pendemica. E outra, aqui pensando com Atunes (2020) começar a desenhar outro sistema de metabolismo verdadeiramente humano-social, que todas as atividades humanas sejam dotadas de sentido vitais e essenciais para existência humana.

No sistema de metabólico social do capital o trabalho é destruído e conseqüentemente os trabalhadores e as trabalhadoras, destrói a natureza, e assim destrói humanidade.

A pandemia escancara as maiores desigualdade sociais existentes no Brasil, no trabalho, na educação, nas relações de classe e outra categorias sociais, a classe trabalhadora pobre foi vista e caracterizado como subordinada que precisam do salário de seu empregos para se manterem vivos na sociedade. A covid-19 acomete/eu vidas e submeteu outras vidas a condições de exploração para não fazerem parte do grupo de pessoas que não tem um emprego.

Surge com a pandemia, “o novo normal”, que não seja mais uma falácia midiática ou governamental, não desconsideramos que a reinvenção não seja necessária, a depender em quais lugares e categorias da sociedade se encaixam, pois precisamos reinventar o trabalho humano e social, concebendo-o como atividade vital, livre, autodeterminada, fundada no tempo disponível, contrariamente ao trabalho assalariado



alienado, que tipifica a sociedade do capital, e não um novo que pode adoecer nossos corpos a qualquer momento. É com o fim da sociedade de classe e do capitalismo que enxergamos a saída dessa devastação social, recuperando o espírito comunal.

## REFERÊNCIAS

ANTUNES, Ricardo. **O privilégio da servidão: o novo proletariado de serviço na era digital**. Boitempo editorial, 2018.

\_\_\_\_\_, Coronavírus: O trabalho sobre o fogo cruzado. 1. Ed. –São Paulo: Boitempo, 2020.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. 1º Ed. – São Palo: Boitempo, 2016.

BRASIL, **Boletim epidemiológico covid-19**. N, 1, 2020.

FRANCO, Roberto Kennedy Gomes. **A face pobre da AIDS. 2010**. 131f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira, Fortaleza-CE, 2010.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do Cárcere**, v.2: Os intelectuais. O princípio educativo. Jornalismo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

HARVEY, David. **Política anticapitalista em tempos de coronavírus**. Em blog Boitempo. Disponível em < <https://blogdaboitempo.com.br/2020/03/24/david-harvey-politica-anticapitalista-em-tempos-de-coronavirus/>>; acesso em 28 de agosto de 2020.

MARX, Karl. **O capital: livro I**. São Paulo, Boitempo, 2013.

\_\_\_\_\_, Karl. **Para a crítica da economia política. Salário, preço e lucro**. O rendimento e suas fontes. S. Paulo: Abril Cultural, col. “os economistas”, 1982.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A Ideologia Alemã**. São Paulo: Livraria Editora Ciências Sociais, 1982.